

VERTERE AKROS CAMBIARE – O ENSINO POR INSTALAÇÕES GEOGRÁFICAS

Emerson Ribeiro*

RESUMO

O texto em questão é resultado de uma prática de ensino em geografia, tendo como disciplina a prática curricular I, na formação de professores realizada na Universidade Regional do Cariri com os alunos do terceiro semestre. A linguagem exercida no texto passeia pela poesia, arte e a geografia, faz-se necessário quando se quer quebrar o que tá posto, mesmo correndo os riscos que o diferente apresenta aos olhos do tradicional, mas é preciso romper sem perder o rigor acadêmico, necessário para apresentar a metodologia com as instalações geográficas. Entendemos a instalação como uma forma para se expressar a construção de um determinado conhecimento trabalhado com signos e símbolos. O termo instalação passa a ser incorporado ao vocabulário das artes visuais na década de 1960, designando ambiente construído em espaços de galerias e museus, prioritariamente, para mais tarde ganhar as praças, parques e as ruas públicas. As instalações geográficas se constrói a partir de um conteúdo que no nosso caso em questão é a universidade e a formação de novos professores para o ensino de geografia escolar, pensando criticamente o ensino na universidade. Que universidade? Para quem? Que prática pedagógica pode-se inserir para apreendê-la, fazendo a crítica pedagógica política. Partindo do exposto pensamos em uma instalação geográfica como metodologia e processo de avaliação para ir de encontro com a resistência, essa expressada no espaço universidade no nosso caso a URCA. Para tanto, é necessário entendermos como a escola e a universidade surgem nesse cenário de produção do conhecimento e de relações sociais e de luta de classes, manifestando-se na atualidade, ainda, sem generalizar em grande parte, como a escola e a universidade se sustentam pelo pensar cartesiano num mundo de desassossego. Diante desses elementos apostamos em outra prática pedagógica, em Vertere Akros Cambiare “revirar ao extremo para mudar”.

Palavras-chave: Instalação geográfica; Prática Pedagógica; Avaliação; Geografia; Arte.

1 EXÓRDIO

O desenvolvimento da disciplina de prática curricular I, realizada na Universidade Regional do Cariri com os alunos do terceiro semestre apresenta uma prática pedagógica que foge dos modelos tradicionais de ensino e formação de professores.

* Professor Assistente no Departamento de Geociências da Universidade Regional do Cariri-URCA , com Doutorado em andamento na Universidade de São Paulo-USP - emerprof@hotmail.com

A universidade em muitos momentos poda a criação, a inspiração para o novo e de novas metodologias que resulte e ajude na formação de novos professores, o texto e o seu desenvolvimento na sua linguagem rompe com um padrão acadêmico enxuto, linear, de uma única verdade, sem perder a referência científica, mas, alerta os leitores sobre a necessidade da criação de novas metodologias, pois, os alunos em formação precisam ter como experiências outras linguagens pedagógicas e geográficas.

Há necessidade de pensar e discutir a universidade/escola. Que universidade? Para quem? Que prática pedagógica pode-se inserir para apreendê-la, fazendo a crítica pedagógica política.

Partindo do exposto pensamos em uma instalação geográfica como metodologia e processo de avaliação do conteúdo, para ir de encontro a resistência expressada no espaço universidade.

Para tanto, é necessário entendermos como a escola e a universidade surgem nesse cenário, este de produção do conhecimento e de relações sociais e de luta de classes, manifestando-se na atualidade, ainda, sem generalizar em grande parte, como a escola e universidade se sustentam pelo pensar cartesiano. Diante desses elementos apostamos em outra prática pedagógica, em “Vertere Akros Cambiare, revirar ao extremo para mudar”.

2 CAVANDO O ALICERCE- A ESCOLA

A palavra “escola” do português, deriva do latim clássico *schola*, que se originou do grego *skhole*, que significava “lazer” ou lugar de descanso. Somado a palavra escola temos a palavra “educar” que vem do latim *educare*, ligado ao verbo *educere* que significa conduzir para fora, preparar o indivíduo para o mundo.

A escola como há muito tempo a conhecemos não nos parece nem um pouco com lazer, como os gregos a conheceram Ponce (2007), hoje se perguntarmos a um aluno o que ele pensa da escola, muitos vão dizer que é um tormento, chata, sem graça e os adjetivos são muitos. Mas, há quem diga que é também o espaço do encontro, da merenda, da alegria, um lugar onde se busca o conhecimento.

Em relação à escola e a sua criação, não pretendemos fazer aqui um apêndice da história da educação, mas, é importante relacionarmos a passagem da educação primitiva para a educação de classes na Grécia antiga.

É de conhecimento histórico o que se passava no século VII a. C. na Grécia, com o aumento do rendimento do trabalho humano em que uma economia comercial começa a

suplantar a agrícola, o comércio foi confiado aos escravos e aos estrangeiros, dando as classes mais abastadas e a nobreza a condição do “ócio” adaptando bem a sua educação, no controle das classes subalternas.

Na obra de Aníbal Ponce (2007) o que chama a nossa atenção sobre a educação dos filhos dos nobres ou aqueles que tinham posses, incluído aí os escravos, é dito por Xenofonte, ainda que se referisse à educação dos persas: “É permitido a todos os persas (livres) enviar os seus filhos às escolas comuns. No entanto, só os que podem enviar os seus filhos às escolas para não fazerem nada é que os enviam; os que não o podem, não os enviam” (PONCE.2007:51).

Ainda sobre a educação na Grécia:

Alguns dos preceitos de Sólon são particularmente ilustrativos. “As crianças – afirmava ele – devem, antes de tudo, aprender a nadar e a ler; em seguida, os pobres devem-se exercitar na agricultura ou em uma indústria qualquer, ao passo que os ricos devem se preocupar com a música e a equitação e entregar-se à filosofia, à caça e à frequência aos ginásios”. O filho de um artesão, quando não continuava sendo um analfabeto (apesar da lei), apenas conseguia adquirir os mais elementares conhecimentos de leitura, escrita e cálculo. O filho do nobre, por outro lado, podia completar integralmente todo o programa de uma educação que compreendia todos os graus de ensino. Escola elementar e palestra até os 14 anos, ginásio até os 16, *efebia* até os 18, cidadania, dos 20 aos 50, e a vida *diagógica*, dos 50 até a morte (PONCE.2007:51).

Esses preceitos faziam parte da educação de um nobre ateniense, proprietário de terras e escravos, que colocavam o “ócio digno” como uma recompensa de uma vida bem vivida.

Optamos por essa introdução sobre a escola e a educação na Grécia antiga para demonstrar que concordamos com Ponce (2007) que a educação desde a Grécia antiga se desenvolve tendo como um dos fundamentos a luta de classes, que o conhecimento e o saber se construíram e se constrói ainda, em muitos casos sobre os ombros de uma classe menos favorecida. E temos com a revolução industrial uma nítida expressão do que são as classes sociais e onde elas se encaixam no mundo moderno.

São essas classes menos favorecidas em sua maior parte, que freqüentam as escolas públicas no Brasil, com condições de estrutura física e humana em situações de penúria, de precariedade, sabemos que não é regra geral, mas podemos confirmar empiricamente devido os nossos anos no magistério paulista e atualmente como professor de estágio supervisionado em visitas realizadas as escolas na região do Cariri e estados circunvizinhos. Mas, não

podemos deixar de dizer que em muitos casos o capital humano empregado consegue subverter a ordem posta.

A escola atual esta inserida nas relações de produção e ela não escapa do conceito de reprodução sobre o movimento desta sociedade ao nível global. E essa particularidade da escola em sair do local e fazer a transição para o global experimenta a dificuldade das relações de exploração de dominação e do poder que implicam nas relações daqueles que decidem e que executam politicamente os fazeres pedagógicos.

Quando a escola principalmente passa a atender as demandas postas pela revolução industrial pelo modo de produção capitalista, passa ser a escola para as massas, para a produção, da instrução primária que são os traços característicos para a formação de uma mão de obra para a indústria.

Os seus métodos de ensino, o seu espaço, a sua pedagogia é organizado para responder a produção industrial, as suas estruturas pedagógica (o ato de conduzir) fora pensadas para o confinamento do aluno, levando-o a passividade, para a ordem, estas estabelecidas nas fábricas, até a disposição do seu espaço é pensado levando em conta as oficinas das fábricas; as máquinas são postas em fila o processo de produção tem uma ordem pré-estabelecida, a hora do lanche, que na escola passa a ser no pátio, do almoço, controlado pelo *apito*, que nas escolas a palavra migra para o *sinál*.

Essas características levam o espaço pedagógico ser repressivo, e Lefebvre pensando as relações de produção, faz a critica a pedagogia imposta, acrescenta que:

(...) esta <<estrutura>> tem um significado mais vasto do que a repressão local; o saber imposto, <<engolido>> pelos alunos, <<vomitado>> nos exames, corresponde à divisão do trabalho na sociedade burguesa, serve-lhe, portanto, de suporte. Esta análise desenvolveu-se desde a descoberta da pedagogia activa (Freinet) até às investigações da critica institucional e prosseguem nos nossos dias.

(...) Ela, já não aparece apenas como instrumento de <<cultura>> ou como <<escola>>, como funções oficializadas de educação e de instrução; a critica pedagógica fá-la mostrar-se como local de reprodução das relações sociais de produção capitalista. Sucedem-se as gerações assim formadas, substituindo-se uma pelas outras na sociedade dividida em classes e hierarquizada. Uma instituição revela-se polifuncional (não sem disfunções e fracassos). A escola e a universidade propagam o conhecimento a formam as gerações jovens segundo <<padrões>> (<<patterns>>) que convém tanto ao patronato como à paternidade e ao patrimônio. (...) Eles fazem parte dela como causas e razões, como funções e estruturas e subordinam-se aos diversos mercados capitalistas (o de mercadorias, que estimula a produção – o do trabalho, que fornece os trabalhadores) (LEFEBVRE,1973:59).

São claras as proposições sobre a escola, e seus atributos no que diz respeito à pedagogia pensada para as relações de produção e de sociedade. É essa escola e a universidade que na sua passividade em muito estimula essa produção e padrões ditados pelos mercados capitalistas que são apresentados no cotidiano escolar e que para romper pretendemos com a criação, e com a arte e as instalações geográficas subverter tanto o espaço pedagógico como a geografia.

No entanto, não esgotamos o pensar sobre a escola e seus espaços no livro de Soares, a autora nos remete a outro pensar:

A escola é um espaço atravessado por tempos polimorfos acumulados, materializados na forma dos edifícios, nos estilos dos mobiliários, nas roupas, na linguagem, no conteúdo ensinado, nas práticas educativas. Padece de envelhecimento. Como um sistema fechado é poderoso e torna-se mais poderoso porque não é “atacado no âmago de sua necrose (essas juntas e roldanas microestruturais de consolação) por ritmos e formas que novos inventos e técnicas, reciclados naquela interação imagem/cultura, aceleram e subvertem (SOARES, 2001:23).

Na forma de um retalho “Quem vê pouco, vê sempre muito pouco; quem ouve mal ouve sempre alguma coisa a mais” (NIETZSCHE, s/d: 321) espaços em construção, forma, como num aquário e para o nosso alimento; linguagem, objetos e técnicas que se refazem diante de uma ciência a serviço do capital, da engenharia mercantil globalizada, alinhada a uma escola do século passado.

Como passar adiante? Suturam-se as bocas dos nossos alunos, fixam numa carteira onde a medida não é dada pelo corpo e sim pelo orçamento, que se preza aos burocráticos de plantão. Esperamos pela rebelião.

Desajustar a ordem, desalinhar o cartesianismo, eliminando o sistema binário, linear, para podermos, embebedar pela poesia, e as outras possíveis linguagens, teatro, música, fantoches, a arte, encontrar o buraco da fechadura e abrir-se para o novo, passar um vídeo sobre a banda The Doors com trovões e raios, na psicodélica progressiva, o som nos diz algo! Quebrando os currículos formais, jogando a fôrma fora, para não sermos planificados pelo o sistema.

É preciso procurar por novas práticas, novos métodos, pois se a escola é aquela que conduz a algum lugar, que seja pela graça, pela arte, que seja pela festa, é melhor do que morrer sem voz, do que:

“Perder tempo em aprender coisas que não interessam, priva-nos de descobrir coisas interessantes”, nos diz Carlos Drummond de Andrade.

Que a rebelião seja feita, que a ruptura aconteça para virar do avesso, mudar o rumo, alterar o caminho, em estado de lume na direção da chama ardente, registrar outro currículo, para que isso ocorra, vamos aumentar a vela, deixe que os ventos nos levem sem medo ao encontro da liberdade, saindo das sombras em direção a luz.

3 EM PROCESSO DE REMATE- A AULA! HÁ AULA?

Que aula? Formas e desvios consolidam o espaço tempo de uma aula, professores e alunos entre quatro paredes, e ficam portas, janelas, nesse espaço recluso, à frente o professor, em fila os alunos e o som, vozes ao ar. Ressuscitar é preciso.

Trajes expostos em diferenças sociais banalizam o espaço- aula, na voz o professor em frente aos alunos gesticula, se expressa em forma do corpo. O corpo fala, traz no tempo as cicatrizes do pensar científico ou do senso comum, esboço de uma aula, em cartilha ou livro didático e as sobras apenas às paredes.

De uma forma ainda linear a procura de uma sabotagem, Soares exclama:

Na aula, significados únicos obscurecem a capacidade transformadora da ciência e da descoberta; os temários são previsíveis, assimiláveis, repetitivos, tediosos, reduzidos; a reprodução substitui a relação criativa e suprime os estímulos não-verbais; a hora/aula é uma ação murcha, semântica de angústia, um falar/ouvir encadeados, asséptica geometrizável. Com exceções, a aula fica congelada em programas, currículos e livros didáticos. Universo recluso; aljube (SOARES, 2001:37).



Figura. 1- Ressuscitando a escola em movimento, não linear. Instalação geográfica realizada pelos alunos da Universidade Regional do Cariri-URCA. Fonte: Ribeiro (2011).

Más, e se a aula, a sala, a escola, a universidade virar uma instalação geográfica, se não mudar o contexto a forma, a fôrma, o método prevalece o mesmo, há que encontrar a arte geográfica no processo de avaliação, por construção criativa no caminho a pesquisa, assim faremos a revolução. A aula exige criação.

Processo não carcerário, mas em forma libertadora na voz e gestos na aula, encontro baseado em contrastes, relação extra cartesiana, na forma de desvio encontrando na dialógica bases geográficas para compreensão das relações de produção e de sociedade, manifestadas por ressonância na escola, novos olhares criativos.

Em “A insustentável leveza do ser” Milan Kundera pronuncia em um dos seus contos e nos aborda:

Para Franz, é a arte que mais se aproxima da beleza dionisiaca concebida como êxtase. Dificilmente nos atordoamos com um romance ou um quadro, mas podemos nos extasiar com a Nona de Beethoven, com a Sonata para dois pianos e percussão de Bartok e com uma canção do Beatles. Franz não faz diferença entre a grande música e a música ligeira. Essa distinção parecia-lhe hipócrita e fora de época. Gostava igualmente do rock e de Mozart. (KUNDERA,1983:98)

A necessidade de encontrar algo que se sustente pela mudança, requer em muito a participação da imaginação, da criação, para que o estímulo aos alunos parta do professor e chegue aos alunos, esses códigos, essa linguagem do novo deve permear o campo restrito e espacial dos alunos como se fossem códigos a serem decifrados. Em outras palavras, tem que recorrer ao visual, ao tato, à experimentação, ao corpo, a exemplos, materiais e recursos, etc., que encontre e facilite a aprendizagem.

O assombro é um dos elementos para estimular a aprendizagem e investigar novas formas de propor algo que transcenda o conteúdo, que leve o aluno a pesquisa e a investigação, para chegar à instalação geográfica, a forma como o docente trata a questão a serem ensinadas requerem dialogo entre a pesquisa e a criação, criando situações inusitadas, surpreendentes, incríveis, que levem a motivação a inspiração e a problematização, projeto de sua imaginação criativa.

É essa experiência que o formador e formado e em processo de formação, que ambos temos na relação entre docente e o discente, sendo a interação o fator determinante do rendimento, do estímulo criativo. Um ensino pautado na investigação, pesquisa e criatividade

para que o processo de ensino aprendizagem se estabeleça na sala ou fora dela em clima de confiança, de seguridade, e de compreensão constituindo de forma mutua e respeitosa.

No entanto, mesmo com todas as precauções de como estabelecer o relacionamento entre professor e aluno no espaço de ensinar e aprender, Soares (2001:39) nos diz que não há lugar para conclusões definitivas, pois a ciência e o conhecimento estão em constante mudança. E o diálogo estabelecido em aula, são trocas de saberes, de comunicação, são vozes que ecoam além das paredes da sala de aula.

Barthes hibridiza-se:

Tal é a cruz de toda fala pública: quer fale o professor, quer o ouvinte reivindique falar, em ambos os casos é vir diretamente para o divã; a relação docente nada mais é do que a transferência que institui; a “ciência”, o “método”, o “saber”, a “idéia” vêm de viés, são dados a mais, são sobras (Apud. SOARES, 2001:39).

Essas sobras, esses dados a mais só chegam quando a metodologia, a estratégia e o método atingem no âmago o ouvinte, o aluno, e é realizado diretamente pelo movimento dialógico, pela contradição da sua apresentação envolvendo os saberes.

Pensando nessas sobras e como atingir os ouvintes, os alunos apostaram na criação, na imaginação, na relação por contraste, nas instalações geográficas. Discutidas e apreciadas na aula de prática curricular I.

E fica-nos um fragmento;

Desconfiai do mais trivial, na aparência singelo
E examinai, sobretudo, o que parece habitual.
Suplicamos expressamente: não aceiteis o que é de hábito como coisa natural, pois em tempo de desordem sangrenta, de confusão organizada, de arbitrariedade consciente, de humanidade desumanizada, nada deve parecer natural nada deve parecer impossível de mudar.

Bertold Brecht



Figura. 2- Em estado de lume, “revirar ao extremo para mudar” Os alunos da URCA na montagem da instalação, contestando o espaço universitário, fazendo política geográfica pedagógica. Fonte: Ribeiro (2011).

4 ÚLTIMO ROUND- A OBRA

Com Brecht “nada deve parecer impossível de mudar” na Universidade Regional do Cariri- URCA, em prática curricular I durante as aulas foi pensada em conjunto com os alunos, uma prática pedagógica baseada em instalações geográficas, um trabalho crítico-pedagógico onde a arte e a geografia se aproximam, sendo um dos elementos a avaliação construtiva.

Assim, a avaliação por instalações diante do processo de avaliar se constrói pautada nos conceitos geográficos e na arte para que não fique aprisionada apenas a verbalização dos conceitos e termos, mas que alcance pela mediação da arte a superação dos fenômenos que fazem parte do processo de ensino aprendizagem materializando-se na prática espacial-social.

A avaliação por instalações geográficas se dá na forma e conteúdo, ou seja, pelos conceitos apreendidos e estimulados pelo professor e o meio social-espacial. Essa avaliação parte da imaginação do professor em materializar o conteúdo ensinado aos alunos e eles aquilo que está em gestação, em vibração mental, da aprendizagem se realize pela avaliação construtiva.

O termo utilizado “avaliação construtiva” é dado pelo encaminhamento do processo de ensino aprendizagem e de como ele é realizado. Não com provas

e avaliações ou textos, mas sim por um objetivo que leve o aluno a **unir o conhecimento ensinado pelo professor com a pesquisa, a criação e a arte**, sobre o tema abordado transformando-o e materializando em instalações geográficas, ou seja, como **representar** o que foi estudado em sala de aula ou campo, essas, por conseguinte atuam nas estruturas mentais por associações, experimentadas e vivenciadas pelo lugar, da apresentação, da sua forma e de seu conteúdo que só se torna possível pela pesquisa objetiva real (RIBEIRO, 2011:98-99).

Partindo do exposto, em sala da aula pensamos em dar forma a nossa proposta de materializar o conteúdo trabalhado, no nosso caso a Universidade/escola, como pensar a universidade e a escola? Para o embasamento utilizamos de um autor que faz a crítica a universidade, e como pensar a universidade qual universidade? Em questão a Universidade Regional do Cariri-URCA.

Jacques Derrida proferiu uma importante conferência intitulada “A Universidade sem condição”, na Universidade de Stanford, em 1998. Nesta conferência, Derrida mostra que a Universidade ocidental ainda guarda os resquícios do projeto racional kantiano, pois ela ainda é marcada como o centro do conhecimento, da verdade e o local onde a crítica deveria ser exercida ao máximo. Derrida (2003) “valoriza este aspecto de crítica radical que tem espaço na Universidade, mas alerta que por isto a universidade deve questionar a própria idéia de Universidade e os conceitos que a sustentam como “verdade”, “conhecimento”, “razão”, “crítica”.

Uma questão, não exclusivamente econômica, jurídica, ética ou política, se coloca então: pode a Universidade (e de que maneira?) afirmar uma independência incondicional, reivindicar uma forma de soberania, uma espécie de bem original, uma espécie excepcional de soberania, sem nunca se arriscar ao pior, a saber, em função da abstração impossível dessa soberana independência, ter que se render e capitular sem condição, deixar-se conquistar ou comprar a qualquer preço? (DERRIDA, 2003:22).

Derrida diz que esta Universidade sem condição deveria partir de uma resistência incondicional de tudo questionar – o que levaria a uma oposição a um grande número de poderes, de Estado, econômicos, ideológicos, religiosos, culturais, etc. – onde nada pudesse ser isento de ser posto em questão, nem sequer a ideia de democracia, a ideia de crítica teórica, e do pensamento como questiona (BORGES, 2008). Acrescenta-se a universidade como espaço de resistência, para poder pensar o novo.

Dessa pequena exposição sobre a universidade, trabalhamos entre outros textos, o conceito de lugar para nos dar referência e trazer a tona a localidade, o lugar o Cariri cearense diante do ato de produção, em estado de lume a prática se realizou;

Para encontrar essa prática, essa didática, temos que usar da representação do lugar, deslocando-a para outra forma de expressão da linguagem, essa é as instalações geográficas. Exemplificando a didática temos como sugestão:

- 1- Abordagem por estimulação sobre o que os alunos conhecem sobre o assunto retratado, no caso Universidade/escola e políticas públicas.
- 2- Conteúdos teóricos e delimitação do processo histórico-geográfico da região do Cariri, do/no lugar mundo e uso de mapas.
- 3- Ensaios e erros, apresentação de imagens e textos.
- 4- Estabelecer relações entre fatos e conceitos.
- 5- Questionamentos a respeito do tema, competências e habilidades apuradas.
- 6- O professor delega a tarefa de pesquisar a Universidade/escola nas suas entranhas e as relações com o lugar/território e a paisagem.
- 7- Produção de texto sobre a universidade/escola.
- 8- Avaliação, instalações geográficas (apresentação e interlocução para com o público).
- 9- Re- produção do texto sobre a prática utilizada.

Nesse momento a prática pedagógica encontra a pesquisa, a arte e a geografia, manifestando o conteúdo e apreendido por associações, códigos e linguagens. Temos;



Figura. 3- Críticas ao acesso, sem acesso a biblioteca e demais corredores da universidade e a falta de acervo atualizado. O público interage. Fonte: Ribeiro, (2011).



Figura. 4- Alunos preparando a instalação, a falta de ônibus para a aula de campo, e a gaiola denunciando a não autonomia da Universidade. Fonte: Ribeiro (2011).



Figura. 5- Caixão representando a morte e o renascimento no ato de aprender e ensinar diante do contexto sócio- político- cultural. Fonte: Ribeiro (2011).



Figura. 6- A instalação geográfica não ficou estática, em estado de catarse, em movimento político, o cortejo, caixão passeia pela universidade. Fonte: Ribeiro (2011).

5 REMATE

O processo de ensino aprendizagem e o que sobra dele, só é compreendido e apreciado, quando passado alguns meses, e diante desse tempo, numa pequena conversa informal em 30 de agosto de 2012 com os alunos participantes, da prática em questão, foi nos relatado como essa prática ainda, se sustenta, entre outros; Pedro (nome fictício), aluno de graduação em geografia da URCA “*foi 10 essa aula a URCA estava precisando de coisas novas*”. Gumerindo (nome fictício), também aluno da graduação da URCA nos relata “*essa aula foi show entrou para a história de vida de todos nós!*”

Apontamos esses relatos pela importância do ato de avaliar, não apenas in loco, no momento da construção das instalações, mas para verificar que passado um tempo razoável a apreensão do ato ainda estava vivido nas memórias dos alunos.

A avaliação por instalações geográficas apreende o objeto de estudo por associações, correlacionada pela pesquisa arte e geografia, dando forma ao aprendido no movimento dialógico/abstrato, fazendo com que os alunos relacionassem o conteúdo com os símbolos

apresentados de várias formas pelo cotidiano, é pelo cotidiano que a criação¹ se manifesta no processo de ensino aprendizagem.

O desenvolvimento da prática atingiu o seu objetivo que é de conduzir os alunos que estão em formação diante do processo de ensino aprendizagem, à apreender uma nova metodologia para a transformação da sala de aula. Fazendo a crítica a sua própria casa (universidade) para poder transcender os seus muros, alcançando a autonomia do ato de pensar, e de criar pelas instalações geográficas, corroborando para a transformação da geografia escolar.

VERTERE AKROS CAMBIARE – INSTALLATIONS BY GEOGRAPHICAL EDUCATION

ABSTRACT

The text in question is the result of a practice teaching in geography, with the discipline I practice curriculum, in teacher training held at the University Regional Cariri with students of third semester. The language applied to the text stroll through poetry, art and geography, it is necessary when you want to break out what it said, even at the risk that different in the eyes of traditional presents, but you must break without losing academic rigor necessary to present the methodology with geographical facilities. We believe the installation as a way to express the construction of a particular knowledge worked with signs and symbols. The term facility is to be built into the vocabulary of the visual arts in the 1960s, designating the built environment in spaces of galleries and museums, primarily to later win the plazas, parks and public streets. Facilities geographical builds from a content which in our case is the university and training new teachers for teaching school geography, thinking critically teaching at the university. He discusses the role of the university and the training of new teachers for teaching school geography and how we think the university. Which university? For who? What pedagogical practice can be inserted to grasp it, making critical educational policy. From the foregoing we think of as an installation geographical methodology and assessment process to meet with resistance, expressed within this university in our case the URCA. Therefore, it is necessary to understand how the school and the university in this scenario arise from knowledge production and social relations and class struggle, manifesting itself today, even without generalizing largely as school and university are supported by Cartesian thinking in a world of unrest. Given these elements are backing another pedagogical practice in Vertere cambiare Akros' roll to the extreme to change.

Key words: Installation geographical; Pedagogical Practice; Evaluation; Geography; Art.

NOTAS

¹ Para compreender melhor o processo de criação recomendamos a obra de RIBEIRO, E. A CRIATIVIDADE EM GEOGRAFIA, PRÁTICA PEDAGÓGICA E AVALIAÇÃO: LANTERNAS GEOGRÁFICAS. Geosaberes, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 61-75, ago./ dez. 2011.

REFERÊNCIAS

BORGES, André de Barros. **Pedagogia da Aporia: Filosofia, Educação e Universidade na Obra de Jacques Derrida**. Revista Sul-Americana de Filosofia da Educação – RESAFE, Números 8/9: Maio/2007 – abril/2008.

BRECHET, Bertold Disponível em:
<http://www.astormentas.com/PT/selecao/Bertold%20Brecht> > Acesso em: 09 Set. 2012.

DERRIDA, Jaques. **A Universidade sem condição**. São Paulo: Estação liberdade, 2003.

FRASES. Disponível em: <http://www.citador.pt/frases/perder-tempo-em-aprender-coisas-que-nao-interessa-carlos-drummond-de-andrade-1206>>. Acesso em: 14 Mar 2013.

HISTÓRIA das palavras. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/sk-hist.html>>. Acesso em: 19 Ago. 2012.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Ed. Record. RJ.1983.

LEFEBVRE, Henri. **A Re-produção das relações de produção**. (tradução da 1ª parte de La survie Du capitalisme). Porto, Edições Escorpião, 1973.

NIETZSCHE, F. **Humano, Demasiano Humano**. 2ºed. Escala. SP.s/d.

PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. 22. ed. São Paulo: Ed. Cortez, 2007.

RECANTO das Letras. Disponível em:
<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3560529>>. Acesso em: 14 Mar. 2013.

RIBEIRO, Emerson. **A criatividade em geografia, prática pedagógica e avaliação: lanternas geográficas**. Geosaberes, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 61-75, ago./ dez. 2011.

_____. **Avaliação ou pescaria? - por uma distinta possibilidade da aprendizagem em geografia na construção de instalações geográficas**. Rev. Bras. Educ. Geog., Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 91-104, jul./dez., 2011.

RIBEIRO, Emerson. **Práticas pedagógicas- o ensino geográfico por instalações**. IX Seminário de Pós-Graduação em Geografia da UNESP Rio Claro, 3 a 5 de novembro de 2009. Acesso <http://sites.google.com/site/seminarioposgeo/anais>.

SOARES. M. Lucia de A. **Girassóis ou Heliantos maneiras criadoras de conhecer o geográfico**. Sorocaba-sp. Linc. 2001.

Artigo recebido para avaliação em 08/02/2013 e aceito para publicação em 10/04/2013.